

URBANIZAÇÃO CONCENTRADA, URBANIZAÇÃO EXTENSIVA E A DESTRUIÇÃO CRIATIVA DE TERRITÓRIOS E PAISAGENS: FAVELIZAÇÃO E PERIFERIZAÇÃO NA REGIÃO METROPOLITANA DE FORTALEZA

Isabelle de Lima Almeida

UFRN | isabelle.almeida.054@ufrn.edu.br

José Clewton do Nascimento

UFRN | jotaclewton@gmail.com

Sessão Temática 9: cidade, história e cultura em disputa

Resumo: Este artigo explora os conceitos de urbanização extensiva e destruição criativa, conforme desenvolvidos por Roberto Luís Monte-Mór e Neil Brenner a partir da obra de Henri Lefebvre. O trabalho estrutura-se em duas partes: a primeira é uma revisão bibliográfica, que discute conceitos como tecido urbano e implosão-explosão da cidade; já a segunda parte aplica os conceitos de Brenner e Monte-Mór ao caso da periferação e favelização na Região Metropolitana de Fortaleza (RMF), tendo como fundamentação metodológica a proposta de periodização de Renato Pequeno para o processo de favelização na capital cearense. O estudo destaca a remoção de favelas centrais e seu reassentamento nas periferias urbanas, exemplificado pela remoção do Arraial Moura Brasil para a abertura da Avenida Presidente Castelo Branco, na área central de Fortaleza. O artigo conclui que esse processo resulta na expansão desigual do tecido urbano e na intensificação das precariedades socioeconômicas e instabilidades territoriais na RMF.

Palavras-chave: Urbanização; Tecido Urbano; Implosão-Explosão da Cidade; Assentamentos Precários; Favela.

CONCENTRATED URBANIZATION, EXTENSIVE URBANIZATION, AND THE CREATIVE DESTRUCTION OF TERRITORIES AND LANDSCAPES: FAVELIZATION AND PERIPHERALIZATION IN THE METROPOLITAN REGION OF FORTALEZA

Abstract: This article explores the concepts of extensive urbanization and creative destruction, as developed by Roberto Luís Monte-Mór and Neil Brenner, based on Henri Lefebvre's work. The study is structured into two parts: the first presents a bibliographic review discussing concepts such as urban fabric and the implosion-explosion of the city; the second applies Brenner and Monte-Mór's concepts to the case of peripheralization and favelization in the Fortaleza Metropolitan Region (FMR), using Renato Pequeno's periodization framework for favelization in the Ceará capital. The study highlights the removal of central favelas and their resettlement in urban peripheries, exemplified by the displacement of the Arraial Moura Brasil community for the construction of Avenida Presidente Castelo Branco in central Fortaleza. The article concludes that this process leads to the unequal expansion of the urban fabric and intensifies socioeconomic precarities and territorial instabilities in the FMR.

Keywords: Urbanization; Urban Fabric; Implosion-Explosion of the City; Informal Settlements; Favela.

URBANIZACIÓN CONCENTRADA, URBANIZACIÓN EXTENSIVA Y LA DESTRUCCIÓN CREATIVA DE TERRITORIOS Y PAISAJES: FAVELIZACIÓN Y PERIFERIZACIÓN EN LA REGIÓN METROPOLITANA DE FORTALEZA

Resumen: Este artículo explora los conceptos de urbanización extensiva y destrucción creativa, desarrollados por Roberto Luís Monte-Mór y Neil Brenner a partir de la obra de Henri Lefebvre. El estudio se estructura en dos partes: la primera es una revisión bibliográfica que discute conceptos como tejido urbano e implosión-explosión de la ciudad; la segunda aplica los conceptos de Brenner y Monte-Mór al caso de la perifерización y favelización en la Región Metropolitana de Fortaleza (RMF), utilizando como base metodológica la propuesta de periodización de Renato Pequeno sobre el proceso de favelización en la capital de Ceará. El estudio resalta la remoción de favelas centrales y su reasentamiento en periferias urbanas, ejemplificado por la remoción del Arraial Moura Brasil para la apertura de la Avenida Presidente Castelo Branco en el área central de Fortaleza. El artículo concluye que este proceso resulta en la expansión desigual del tejido urbano y en la intensificación de precariedades socioeconómicas e inestabilidades territoriales en la RMF.

Palabras clave: Urbanización; Tejido Urbano; Implosión-Explosión de la Ciudad; Asentamientos Informales; Favela.

INTRODUÇÃO

No contexto da urbanização brasileira, a cidade, sobretudo a grande cidade, é associada ao *locus* da pobreza (Santos, 2008). Não obstante, o processo de urbanização tem se expandido, carregando consigo as desigualdades socioespaciais características dos grandes centros urbanos até as áreas mais distantes. Paralelamente, fenômenos como a metropolização e a desmetropolização ocorrem simultaneamente através de um padrão de crescimento espraiado, com o enfraquecimento da macrocefalia das cidades milionárias e a dispersão de vastas manchas urbanas através de cidades intermediárias e locais (Santos, 2008). Ocorre, assim, a atenuação da “separação tradicional entre um Brasil urbano e um Brasil rural”, resultando na “distinção entre um Brasil urbano (incluindo áreas agrícolas) e um Brasil agrícola (incluindo áreas urbanas)” (Santos, 2008, p. 9). Tal é a configuração territorial do Brasil neste momento histórico, definido por Santos (2008) como o meio técnico-científico-informacional.

O atual momento, portanto, é marcado pela remodelação do território e pela superação da dicotomia cidade-campo (Monte-Mór, 2006). A urbanização redefine, assim, o espaço social, que, por sua vez, se estende à escala planetária através de um contexto de reestruturação urbana global (Brenner, 2018). Este fenômeno mundial se manifesta localmente, com impactos significativos nos processos de periferização e favelização das regiões metropolitanas brasileiras, como observado no caso da Região Metropolitana de Fortaleza (RMF), no Ceará, onde as dinâmicas de urbanização criam novas formas de exclusão e desigualdade socioespacial.

Nesse sentido, o presente artigo busca aproximar as elaborações teóricas de Roberto Luís Monte-Mór (2006) e Neil Brenner (2018) sobre os conceitos de urbanização extensiva, urbanização concentrada e destruição criativa. As abordagens de ambos os autores têm como fundamento a obra do filósofo marxista Henri Lefebvre, responsável pela elaboração de conceitos como tecido urbano e implosão-explosão da cidade, que foram reinterpretados e apreendidos tanto pela obra de Monte-Mór (2006) quanto de Brenner (2018). Complementarmente, realiza-se um estudo de caso sobre a aplicação dos conceitos de urbanização extensiva e destruição criativa de territórios e paisagens a partir da leitura de Renato Pequeno (2023) sobre a periferização do processo de favelização na Região Metropolitana de Fortaleza.

O artigo encontra-se estruturado em duas partes: a primeira é uma revisão bibliográfica dos conceitos apresentados por Monte-Mór (2006) e Brenner (2018) a partir da leitura da obra lefebvriana; por fim, a segunda parte apresenta a periodização proposta por Pequeno (2023) para o processo de favelização em Fortaleza, abordando, também, a remoção de favelas na área central da capital cearense e o conseqüente remanejamento das famílias removidas para as franjas urbanas da RMF.

IMPLOÇÃO-EXPLOÇÃO DA CIDADE, URBANIZAÇÃO EXTENSIVA, URBANIZAÇÃO CONCENTRADA E DESTRUIÇÃO CRIATIVA

Na contemporaneidade, “as geografias da urbanização [...] perfuram, atravessam e fazem explodir a antiga divisão entre o urbano e o rural” (Brenner, 2018, p. 263). Segundo Capel (1975), a tradicional dicotomia urbano-rural tem se complexificado, dando origem a crescentes variedades de organização socioespacial. Assim, a partir da superação da dicotomia cidade-campo, constitui-se uma síntese: o “urbano”, ou seja, “a manifestação material e socioespacial da sociedade urbano-industrial contemporânea” (Monte-Mór, 2006, p. 14). O “urbano” significa, portanto, “o espaço social (re)definido pela urbanização” (Monte-Mór, 2006, p. 14) e encontra-se materializado enquanto o que Monte-Mór (2006) define como “tecido urbano”, que representa a forma socioespacial do fenômeno urbano contemporâneo estendido através do território. Segundo Lefebvre (1999, p. 17, *apud* Monte-Mór, 2006, p. 14),

O tecido urbano prolifera, estende-se, corrói os resíduos de vida agrária. Estas palavras, “o tecido urbano”, não designam, de maneira restrita, o domínio edificado nas cidades, mas o conjunto das manifestações do predomínio da cidade sobre o campo. Nessa acepção, uma segunda residência, uma rodovia, um supermercado em pleno campo, fazem parte do tecido urbano.

Para a teoria lefebvriana, o fenômeno da extensão desmesurada do tecido urbano na contemporaneidade resulta do processo de implosão-explosão da cidade (Lefebvre, 2008). Monte-Mór (2006, p. 13-14) explica este duplo movimento:

A implosão se dá na cidadela sobre si mesma, sobre a centralidade do excedente/poder/festa que se adensa e reativa os símbolos da cidade ameaçada pela lógica (capitalista) industrial. A explosão incide sobre o espaço circundante, com a extensão do tecido urbano, forma e processo socioespacial que carrega consigo as condições de produção antes restritas às cidades, estendendo-as ao espaço regional imediato e, eventualmente, ao campo longínquo, conforme as demandas da produção (e reprodução coletiva) assim o exijam. O tecido urbano sintetiza, dessa maneira, o processo de expansão do fenômeno urbano que resulta da cidade sobre o campo e, virtualmente, sobre o espaço regional e nacional como um todo.

A partir do conceito lefebvriano de implosão-explosão da cidade, Monte-Mór (2006) desenvolve conceitualmente o fenômeno da urbanização extensiva. Resultante do encontro explosivo do industrial com o urbano, a urbanização extensiva se dá por meio da “materialização sociotemporal dos processos de produção e reprodução [...], que têm sido estendidas para além das aglomerações urbanas ao espaço social como um todo” (Monte-Mór, 2006, p. 15).

No contexto brasileiro, a urbanização extensiva origina-se da política territorial dos governos militares, que, por meio de uma lógica simultaneamente concentradora e integradora, deu continuidade às políticas públicas de desenvolvimento regional dos períodos da centralização expansionista da era Vargas e da interiorização desenvolvimentista de Juscelino Kubitschek

(Monte-Mór, 2006). Como resultado da implementação dessa política sobre o território nacional, expandiram-se as fronteiras urbanas. Dessa maneira, o processo de urbanização passa a incorporar tanto as franjas das aglomerações urbanas quanto os espaços regionais e rurais. O território é, portanto, submetido “à lógica urbano-industrial dominante” imposta ao espaço social contemporâneo (Monte-Mór, 2006, p. 17).

A partir do conceito de urbanização extensiva elaborado por Monte-Mór (2006), Brenner (2018) tece uma abordagem sobre a expansão do tecido urbano, inter-relacionando dialeticamente a urbanização extensiva à urbanização concentrada¹. Nesse sentido, para Brenner (2018, p. 291), “a urbanização compreende a concentração e a extensão, [...] na medida em que se pressupõem e se contrapõem mutuamente de forma simultânea”. Assim, em um contexto de reestruturação urbana global, ambas as faces do fenômeno urbano se desenvolvem paralelamente,

[...] por meio de uma urbanização concentrada em megacidades e regiões metropolitanas de grande escala, bem como por meio de uma urbanização extensiva por todas as regiões rurais, hinterlândias e áreas selvagens que agora estão sendo cada vez mais integradas e operacionalizadas pelo urbano por meio de estratégias industriais de escala planetária [...] (Brenner, 2018, p. 15-16).

A interdependência entre a urbanização concentrada e a urbanização extensiva resulta na urbanização planetária. Dessa maneira, são produzidas relações socioespaciais que envolvem não apenas o crescimento de cidades e metrópoles, mas também a ampliação desigual e irregular do tecido urbano, que se estende da cidade em direção à “não cidade” (Brenner, 2018, p. 17). Como resultado, estrutura-se um processo de urbanização que não se encontra concentrado em pontos nodais ou circunscrito a regiões delimitadas, mas que se irradia de “maneira desigual e com uma densidade cada vez maior em grandes extensões de todo o mundo” (Brenner, 2018, p. 271). Logo,

Dentro desse campo de desenvolvimento urbano, extensivo e cada vez mais universal, as aglomerações se formam, se expandem, contraem e se transformam de maneira contínua, mas sempre por meio de densas redes de relações com outros lugares, territórios e escalas, incluídos os âmbitos tradicionalmente classificados como alheios à condição urbana (Brenner, 2018, p. 291).

Através do amplo e implacável processo de produção e transformação do espaço em escala planetária, Brenner (2018) aponta para a dinâmica inevitável da “destruição criativa” de lugares, territórios, paisagens e escalas sob o capitalismo globalizador. Conforme Brenner (2018), o conceito de “destruição criativa” pode ser compreendido enquanto uma reinterpretação do processo de implosão-explosão² da cidade de Lefebvre (2003, *apud* Brenner, 2018) a partir da leitura de Harvey (1989, *apud* Brenner, 2018). Sendo assim, para Brenner (2018, p. 276), o fenômeno urbano contemporâneo adquire um “caráter incessantemente dinâmico e criativamente destrutivo”, transfigurando a dicotomia entre cidade e “não cidade” em uma explosão de padrões de assentamentos no contexto da

urbanização planetária. Supera-se, assim, a divisão entre espaços urbanos (cidade, metrópole, megalópole etc.) e não urbanos (subúrbio, campo, natureza etc.).

A PERIFERIZAÇÃO DO PROCESSO DE FAVELIZAÇÃO NA REGIÃO METROPOLITANA DE FORTALEZA

O fenômeno da implosão-explosão da cidade (Lefebvre, 2008), ou destruição criativa conforme Brenner (2018), pode ser exemplificado a partir do processo de favelização na Região Metropolitana de Fortaleza (RMF), no Ceará. De acordo com Pequeno (2023), a favelização na capital cearense pode ser dividida em três fases distintas. A princípio, as favelas eram vistas como áreas marginalizadas que deveriam ser removidas. Posteriormente, a partir dos anos 1970, essas áreas crescem e passam a ser vistas como espaços de informalidade em contraste com a cidade formal. Finalmente, em meados dos anos 2000, essas áreas passam a ser consideradas assentamentos urbanos precários, refletindo a variedade de formas de moradia da população mais pobre na RMF.

A história do processo de favelização em Fortaleza indica que os primeiros assentamentos precários surgiram nos arredores da área urbana consolidada e, principalmente, ao longo da faixa litorânea próxima à área central da cidade. Forma de moradia dos mais pobres, as favelas se adensavam “nas bordas da cidade e em setores residuais para onde os interesses dos grupos mais favorecidos não se direcionaram” (Pequeno, 2023, p. 283). Destaca-se, assim, a presença de áreas de favela nas proximidades de corpos hídricos e às margens de vias férreas.

As hipóteses acerca das origens da favelização em Fortaleza remontam a meados do século XIX e relacionam-se aos fluxos migratórios vindos tanto do sertão quanto de outras regiões litorâneas do Ceará. No processo de formação das primeiras favelas de Fortaleza, identifica-se o que Carvalho (2003, *apud* Pequeno, 2023) denomina como “pontas de rua”: ocupações lineares ao longo dos caminhos de entrada e saída da cidade, onde migrantes se alojavam nos limites do espaço urbano enquanto mantinham práticas semelhantes à sociabilidade do espaço rural. Conforme Capel (1975), a transição da vida rural para a vida urbana pode ocorrer de maneira que laços familiares e hábitos rurais permaneçam ou sejam fortalecidos, tendo em vista o isolamento das comunidades migrantes no contexto urbano.

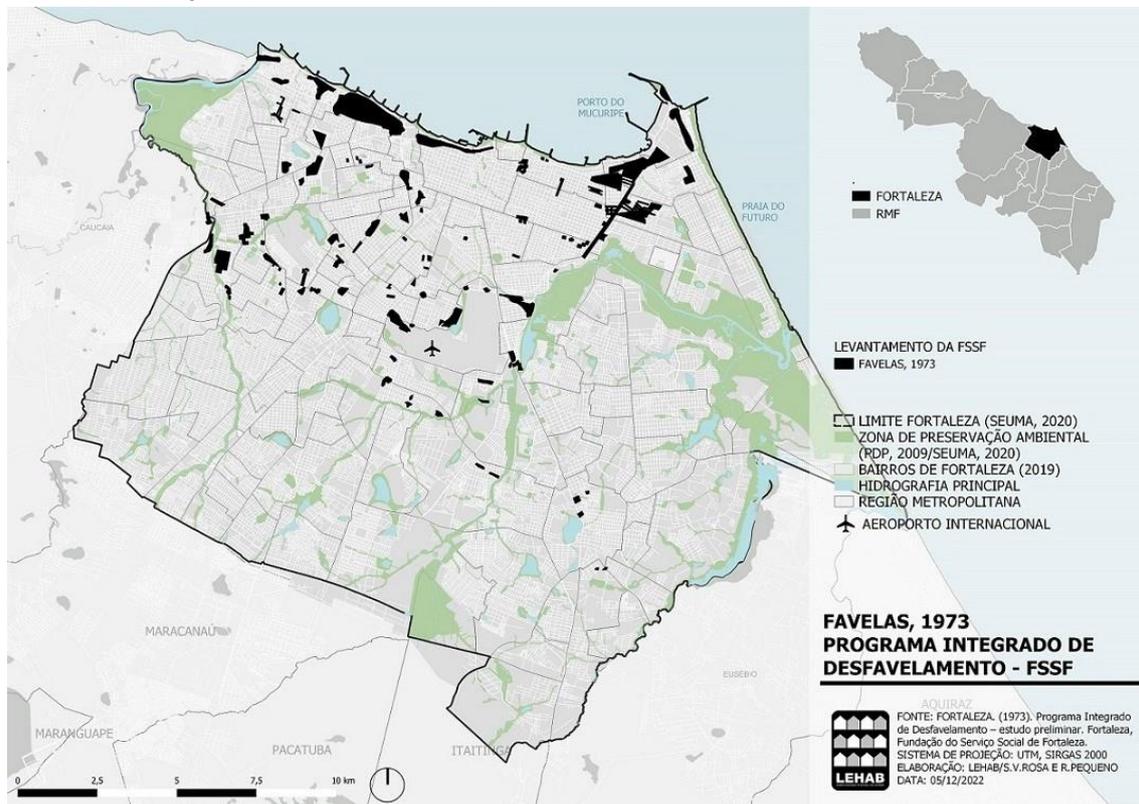
Além desses assentamentos formados nas pontas de rua, destacava-se a presença de comunidades tradicionais de pescadores ao longo da faixa litorânea. Já no século XX, tais comunidades adensaram-se com a chegada de grandes contingentes de migrantes oriundos de outros trechos do litoral cearense (Cavalcante, 2017, *apud* Pequeno, 2023).

Até meados dos anos 1970, em plena ditadura militar, a favela era “alvo de remoções indiscriminadas” em Fortaleza (Pequeno, 2023, p. 284). A nível local, a política territorial indicava a favela como um elemento a ser erradicado da paisagem, especialmente na faixa litorânea. Nesse contexto, foi criado o Programa Integrado de Desfavelamento de Fortaleza,

estabelecendo uma política de remoção de favelas em áreas centrais e reassentamento de famílias removidas em grandes glebas periféricas. Entende-se, assim, que a área central, *locus* da concentração, implode, enquanto a periferia explode através de uma urbanização excludente e territorialmente desigual.

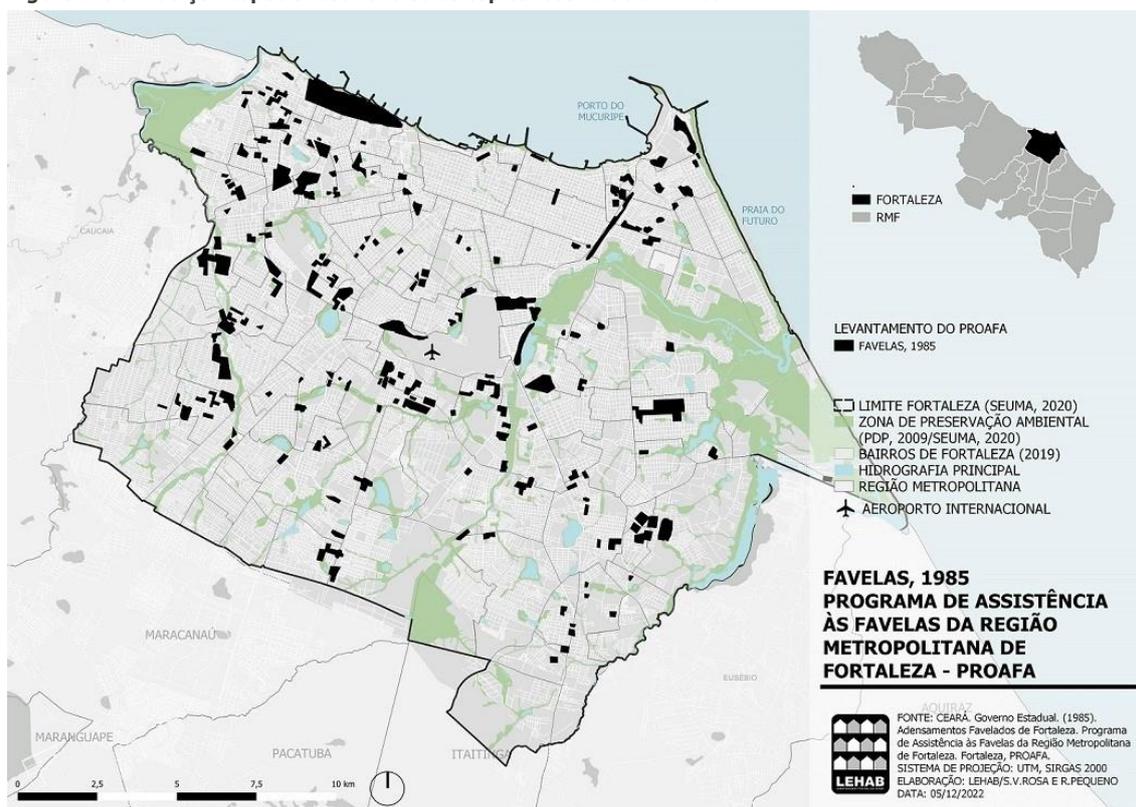
As figuras 1 e 2 representam esse processo de desterritorialização das favelas centrais e litorâneas de Fortaleza e reterritorialização das populações removidas nas franjas urbanas da Região Metropolitana de Fortaleza (RMF). A Figura 1, representando as áreas de favela em 1973, apresenta amplas manchas nas faixas litorâneas central e leste. Já na Figura 2, apresentando um mapeamento de favelas em 1985, é perceptível a remoção de assentamentos precários existentes no mapeamento anterior, bem como a expansão irregular e desigual das áreas de favela através do tecido urbano. Trata-se, portanto, da periferização do processo de favelização em Fortaleza.

Figura 1: distribuição espacial das favelas da capital cearense em 1973.



Fonte: Pequeno (2023)

Figura 2: distribuição espacial das favelas da capital cearense em 1985.



Fonte: Pequeno (2023)

Tal processo ocorre de maneira consoante aos fenômenos da urbanização extensiva identificado por Monte-Mór (2006) e da destruição criativa de Brenner (2018). Estabelece-se, assim, a expansão das fronteiras dos processos de favelização e urbanização e a consequente extensão do tecido urbano, submetendo o território à lógica urbano-industrial hegemônica no contexto da política territorial dos governos militares (Monte-Mór, 2006).

Dentre os casos representativos desse processo de desterritorialização e reterritorialização das favelas de Fortaleza, destaca-se a remoção do Arraial Moura Brasil para a abertura da Avenida Presidente Castelo Branco, popularmente conhecida como Avenida Leste-Oeste. Conforme Santos (2008, p. 106), o rodoviarismo é um modelo urbano tido como um “fator de crescimento disperso e do espraiamento da cidade”.

No contexto do Plano de Desenvolvimento Integrado da Região Metropolitana de Fortaleza (PLANDIRF), de 1972, a abertura da avenida litorânea para a circulação viária se deu conforme as “diretrizes dos programas de desenvolvimento da faixa litorânea e de renovação do centro urbano” (Cavalcante, 2017, p. 233). Esse projeto resultou no “maior programa de desfavelamento já lançado na capital até então” (Cavalcante, 2017, p. 233).

Segundo Cavalcante (2017, p. 169), apenas na experiência de desfavelamento do antigo Arraial Moura Brasil, foram “desapropriadas, em números oficiais, 2.168 moradias”, enquanto “aproximadamente 13 mil pessoas [...] passaram a morar em outros pontos da capital e fora dela”. Assim, a remoção do Arraial Moura Brasil, localizado no litoral central de Fortaleza,

promoveu a expansão do tecido urbano em direção às franjas urbanas da Região Metropolitana de Fortaleza, visto que as famílias removidas foram deslocadas “para conjuntos populares construídos pelo Banco Nacional de Habitação (BNH): o Palmeira, em Messejana e o Marechal Rondon, em Caucaia” (Dantas, 2020, p. 49). As Figuras 3 e 4 apresentam a paisagem urbana do litoral central de Fortaleza antes e depois da ação de desfavelamento do Arraial Moura Brasil.

Figura 3: Arraial Moura Brasil anterior à abertura da Avenida Presidente Castelo Branco



Fonte: O Cruzeiro (1968)

Figura 4: Remoção do Arraial Moura Brasil com a abertura da Avenida Presidente Castelo Branco



Fonte: Cavalcante (2017)

Por sua vez, os conjuntos habitacionais periféricos passaram a atuar como elementos “extensores urbanos” ao induzir “o crescimento desordenado da cidade, deixando alguns setores em suas bordas com urbanização incompleta, notadamente as áreas livres e os

espaços para usos institucionais” (Pequeno, 2023, p. 292). Progressivamente, tais áreas livres foram ocupadas pela população mais pobre, aprofundando, assim, a periferização do processo de favelização na Região Metropolitana de Fortaleza (RMF).

Portanto, na contemporaneidade, o processo de favelização se estende da cidade núcleo da região metropolitana em direção aos municípios limítrofes de Fortaleza, sendo identificadas novas favelas principalmente naqueles que receberam grandes conjuntos habitacionais, como Caucaia e Maracanaú. Consequentemente, “observa-se uma descentralização mais intensa da favelização, com o deslocamento das áreas de ocupação em direção às periferias, aproximando-se de grandes conjuntos habitacionais, definindo os atuais bairros-favela” (Pequeno, 2023, p. 293). Além disso, é notável o aprofundamento das precariedades socioeconômicas e das instabilidades territoriais, especialmente a partir da década de 2010 (Pequeno, 2023).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo da urbanização extensiva, bem como da destruição criativa de lugares, territórios, paisagens e escalas, evidencia a complexificação das dinâmicas urbanas contemporâneas. Com base em uma abordagem lefebvriana, Brenner (2018) e Monte-Mór (2006) desenvolvem uma visão abrangente sobre a reconfiguração do espaço social sob a “lógica urbano-industrial dominante” (Monte-Mór, 2006, p. 17).

Observamos, em particular no caso específico da Região Metropolitana de Fortaleza, a periferização e a favelização como fenômenos interligados que exemplificam a materialização das dinâmicas de urbanização extensiva e destruição criativa. A remoção de favelas centrais e o reassentamento das comunidades nas periferias urbanas demonstram um padrão recorrente de desterritorialização e reterritorialização das populações mais vulneráveis. Este processo amplifica as disparidades socioespaciais, reforçando a segregação urbana através de uma expansão desigual e irregular do tecido urbano. Como resultado, a área central implode paralelamente à explosão da ocupação desigual e excludente das periferias.

REFERÊNCIAS

BRENNER, Neil. **Espaços da urbanização**: o urbano a partir da teoria crítica. Rio de Janeiro: Letra Capital/Observatório das Metrôpoles, 2018.

BRENNER, Neil; SCHMID, Christian. “The urban age in question”. **International Journal of Urban and Regional Research**. Hoboken: Wiley-Blackwell, Vol. 38, N. 3, p. 1-25, 2013.

CAPEL, Horacio. “La definición de lo urbano”. **Estudios Geográficos**. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, N. 138-139, p. 265-301, 1975.

CARVALHO, Otamar de. Nordeste: a falta que o planejamento faz. *In*: GONÇALVES, Maria Flora; BRANDÃO, Carlos Antônio; GALVÃO, Antônio Carlos (org.). **Regiões e cidade, cidades nas regiões**: o desafio urbano-regional. São Paulo: Editora UNESP, 2003.

CAVALCANTE, Eider de Olivindo. **Os meandros do habitar na metrópole**: expansão urbana e controle territorial na produção do litoral de Fortaleza. Tese (Doutorado) — Departamento de Geografia, Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 2017.

DANTAS, Eustógio Wanderley. **Mar à vista**: estudo da maritimidade em Fortaleza. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2020.

DAVID, Harvey. **The urban experience**. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1989.

LEFEBVRE, Henri. **A revolução urbana**. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 1999.

_____. **The Urban Revolution**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2003.

_____. **O direito à cidade**. São Paulo: Centauro, 2008.

MONTE-MÓR, Roberto Luís. “O que é urbano, no mundo contemporâneo”. **Revista Paranaense de Desenvolvimento**. Curitiba: Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social, N. 111, p. 9-18, 2006.

O CRUZEIRO. “Caderno especial do Ceará”. **Revista O Cruzeiro**. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, p. 69-101. 14 set. 1968.

PEQUENO, Renato. “Quadro de mudanças da favelização de Fortaleza: marginalidade, informalidade e precariedade”. **Revista de Geografia**. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, Vol. 40, V. 1, p. 282-305, 2023.

SANTOS, Milton. **A urbanização brasileira**. São Paulo: EDUSP, 2008.

¹ O conceito de urbanização concentrada é elaborado por Brenner e Schmid (2012, apud Brenner, 2018).

² De maneira similar, Santos (2008, p. 99) desenvolve o conceito de “movimento de concentração-dispersão”.